

ALINHAVOS HISTÓRICOS ENTRE PODER E POVO: UMA ANÁLISE SOBRE O OLHAR DA IMPRENSA UBERLANDENSE

Marileusa de Oliveira Reducino

Mestre em História.

Professora do Ensino de Arte da Escola de Educação Básica
da Universidade Federal de Uberlândia.

Membro dos núcleos de pesquisa NUPEA/UFU
e NPHISPO/UFU.

Resumo: Este artigo pretende, através da análise de fotos urbanas da praça Tubal Vilela situada no centro de Uberlândia, das matérias jornalísticas divulgadas nos diferentes jornais uberlandenses no decorrer do século XX, compreender aspectos históricos-políticos-sociais subtendidos na efemeridade urbano/arquitetônica de sua estética. Diferentes relações fundamentam a estrutura deste trabalho, tais como: o exercício de busca constante pautada nas concepções de uma beleza contemporânea, moderna e progressista; a valorização do futuro em detrimento do passado, permeado por um rápido presente e a relação estreita entre a mídia, o poder e a elite.

Palavras-chave: História da cidade, Uberlândia, arquitetura urbana, praça, poder, imprensa.

INTRODUÇÃO

A curta temporalidade das construções no perímetro central de Uberlândia desvela outros elementos além de sua materialidade física e esta materialidade espelhada nas *efêmeras*¹ fachadas de suas arquiteturas permitem uma pesquisa instigante, pois nelas também se lêem as características e se percebe o reflexo do *progresso* e da *modernidade* desta cidade, identificados numa busca constante da *beleza*, na negação do passado e na idealização de sonhos utópicos para o futuro.

Assim, inspirada na modernização dos grandes centros urbanos do país, esta cidade situada no Triângulo Mineiro traz em sua história, como tantas outras cidades brasileiras, as marcas e as conseqüências do progresso e da modernidade, inerentes ao século XX. Para isto, do período de sua formação até o ano de 2000, Uberlândia conta com a *participação* efetiva de uma classe dominante, *articuladora* e *convincente* de seus ideais, responsável pela elaboração e concretização de um imaginário de modernidade e beleza que, para a realização deste, lança mão de vários artifícios, principalmente os recursos da mídia escrita e imagética. Portanto, é através da imprensa, que as transformações arquitetônicas são respaldadas pela visão daqueles que registram a história por meio da escrita e da imagem, e pelos discursos dos que dirigem e articulam, pois:

[...] atos políticos importantes [...] são elaborados por um grupo fechado de “homens que decidem e concebem”, regendo, conforme seus gostos, o destino dos povos e a vida cotidiana de cada um. A massa de cidadãos é simplesmente posta diante do fato consumado das operações imobiliárias, das reestruturações audiovisuais ou dos programas de armamento; sendo assim, é lançada na impotência, na

indiferença, no acostumar-se, na falta de motivação. (CHESNEAUX, 1995, p. 150).

Apesar da elite dominante assumir uma postura *articuladora* na tentativa do *convencimento* de suas idealizações e, para tal, recorrer a artifícios diversos para a concretização de seus propósitos, não se pode afirmar categoricamente que esta classe que ela-bora e realiza a *modernização* do perímetro urbano não teria, também, o *respaldo* do restante da população. Embora reconhecendo que, em determinados momentos na história da cidade, esta população se organiza e se articula reivindicando seus direitos em oposição aos mandos e desmandos do poder instituído. Percebe-se que, quando interpelada sobre a estética da cidade, repete o mesmo discurso da elite dominante, ou seja, também demonstra compactuar do anseio de embelezamento e modernidade cidadão. Portanto, poder-se-ia dizer que esta população estaria, dentro do contexto político social, na qualidade de *co-agente* deste processo de credibilidade da modernização da estética uberlandense.

Nesta perspectiva, é que a praça Tubal Vilela, objeto de análise neste artigo, será tomada como ponto de referência por apresentar uma dinâmica de alterações sucessivas, o que permite acompanhar e compreender as mudanças que ocorrem nas edificações ao seu redor. E é, a partir deste referencial, que se vai percebendo a linha tênue existente entre uma edificação e outra, sua curta permanência e suas trocas de aparências desvelando, no registro urbano da cidade, marcas de instantes estéticos efêmeros.

¹ Os termos grafados em negrito são de exclusiva responsabilidade da autora para chamar a atenção do leitor quanto ao(s) significado(s) implícito(s) nos mesmos.

PALAVRA E IMAGEM: ARMAS DO CONVENCIMENTO

Na busca da compreensão sobre a modernização da estética urbana é que se analisa as transformações arquitetônicas por que passa esta cidade que, no final do século XIX era denominada de *Boca do Sertão* – sem uma delimitação precisa – entre o campo e a cidade, mas, que encontra-se, no final do século XX, com quase todas as potencialidades tecnológicas, urbanas e arquitetônicas, correspondendo ao imaginário divulgado, nacional e internacionalmente, de uma cidade *moderna e progressista*.

Ao que se projetou internacionalmente tem-se segundo Choay (1992), “o modelo urbanístico progressista” no qual percebem-se afinidades com as características urbanísticas da cidade de Uberlândia. Este modelo progressista estaria voltado para um certo racionalismo, para a técnica e a ciência, numa tentativa de resolver questões relacionadas entre o meio e o homem. A preocupação deste modelo seria o futuro, e conteria um pensamento otimista, “dominado pela idéia de progresso” (p. 8). Apesar de não ter sido elaborada desde sua fundação (século XIX) sob os auspícios do *modelo* progressista, a cidade de Uberlândia (no século XX) vai assumindo, paulatinamente, as características inerentes a este modelo e incorporando-o em sua malha urbana. Pois, as cidades elaboradas segundo o modelo progressista, estariam preocupadas com a funcionalidade e sua aparência estética “onde lógica e beleza coincidem” (p. 9). E estes dois princípios são percebidos na dinâmica urbana uberlandense.

Seria característica também das cidades progressistas uma recusa ao passado, com o novo substituindo o tradicional, indiferente aos possíveis *lamentos* daqueles que reclamam a ausência das

edificações anteriores. Ao mesmo tempo, este modelo apresenta características limitadoras e repressivas, pois determina lugares para cada classe. Seu quadro espacial é composto de formas rígidas e assume um caráter político dissimulado, mas que busca um objetivo comum, qual seja, o *rendimento máximo*.

Para se ter uma noção dos aspectos do modelo progressista incorporados no plano urbanístico de Uberlândia, analisar-se-ão duas fotos, as quais permitem a visualização da cidade no início do século e no final deste, para que se possa identificar, através da imagem, as diferentes estéticas apresentadas pela malha urbana da cidade, como uma forma de ratificação da incorporação deste modelo progressista.



Imagem 1²



Imagem 2³

As fotos acima expõem os traçados urbanos pertencentes a Uberabinha nos auspícios de sua origem e, posteriormente, de Uberlândia nos meados do século XX. Na primeira imagem, os caminhos tortuosos mais se parecem trilhas sulcadas ao solo pelas passagens dos homens e dos animais, do que traçados urbanos pré-elaborados por especialistas no assunto. Nesta imagem, a simplicidade das construções leva o observador a imaginar o estilo da arquitetura predominante neste período com base nos materiais utilizados pelas mesmas. A segunda imagem, no entanto,

² Foto da maquete da exposição Nossas Raízes, da cidade de Uberabinha, início do século – exposta no Museu Municipal – Acervo-APU.

³ Visão aérea da parte central de Uberlândia – meados do século XX – Acervo Osvaldo Naguettini – APU.

apresenta uma malha urbana ordenada, com edificações de estilos diferenciados e organizados de forma a obedecer uma disposição tal, que suas fachadas estariam rigorosamente de frente para a rua contribuindo, desta forma, para a configuração geométrica do quarteirão, o que não ocorre na primeira, onde as fachadas parecem voltadas para o sentido de interesse do proprietário, pois não obedecem a um critério estabelecido não delimitando os espaços dos quarteirões como na segunda. Por meio da observação destas imagens estariam explícitos, além da evolução de seu traçado urbano, os avanços tecnológicos arquitetônicos incorporados pela cidade. Certamente estas incorporações e transformações não ocorreram isentas de intenções e *ações*.

Assim, dos diferentes artifícios utilizados por uma elite *progressista*, na tentativa de convencimento da importância das transformações necessárias ao avanço da cidade, encontra-se a imprensa, que teve um papel primordial na contribuição da *divulgação* destes ideais e no *ocultamento* das reais condições da população. “A imprensa foi assaz importante nessa empreitada porque, como fornecedora de informações ‘neutras’ atinge um grande e diferenciado número de interlocutores e, concomitantemente, forma opinião” (DANTAS, 2001, p. 13). Assim, tem-se uma imprensa aliada ao discurso progressista da cidade, que utiliza de seu poder de persuasão na indução das opiniões cidadinas.

Outro agente divulgador deste imaginário de modernidade são as fotos que, associadas ou não à mídia, de caráter privado ou particular, registraram as transformações urbanas da cidade, num exercício de divulgação visual da *beleza* estabelecida pelas edificações centrais, responsáveis pela venda de imagens da cidade a outros centros do país. E, como num pacto, na divulgação da *beleza* urbana as fotos *ocultam* o lado *obscuro* da cidade, a mendicância, o atraso e a ineficiência dos meios de transporte, a

falta de higiene e conforto presentes no centro da cidade ou na sua periferia.

Desta forma, a fotografia, enquanto constituidora e constituinte de uma dada realidade, é reveladora das condições de existência, das mentalidades e do imaginário, ao mesmo tempo em que sugere os possíveis antagonismos estabelecidos nas relações sociais vigentes no processo histórico, em diversos tempos e lugares. (CARRIJO, 2002, p. 26).

Então, tem-se em Uberlândia, a divulgação de uma memória oficial, efetuada através de diferentes meios de propagação. E, na preservação desta memória pública, o Estado preserva não só os registros imagéticos, como também os da imprensa na figura do Arquivo Público de Uberlândia. Neste sentido é que, por meio das fontes deste órgão público pode se ler as alternâncias e as permanências denunciadas pelas fotos antigas e pela imprensa cidadina, as quais revelam a dinâmica de uma temporalidade *tênue e efêmera*.

Portanto, as transformações arquitetônicas por que passa o perímetro central de Uberlândia permitem, em sua leitura, a compreensão da busca de uma aparência moderna e progressista, *oculta* sob as fachadas *expostas*.

É, então, sob uma perspectiva de vaidade progressista, que se consideram as arquiteturas como *roupagens* pois, numa tentativa de acompanharem o modismo estético de cada período, as diferentes edificações do espaço urbano central da cidade executam um exercício de se *vestir e re-vestir*⁴, contínuos. Este exercício demonstra o ritmo *sensual* que ocorre através das mudanças de rou-pagens arquitetônicas. É, na observação deste ritmo e no desnudamento destas roupas, que se vai percebendo o domínio de

⁴ Os verbos vestir e revestir aparecerão, ao longo do texto, grafados em sílabas (separadas por hífen) para induzir o leitor à percepção das trocas de vestimentas arquitetônicas por que passa a área focalizada nesta pesquisa.

uma classe dominante que se faz acreditar utilizando das armas, próprias de um poder articulador e dominante, para atingir os objetivos construídos através da história da cidade, solidificados por um vaidoso imaginário elitista.

No processo de construção desta vaidade urbana, a imprensa recorre ao adjetivo *beleza*, como elemento de convencimento, assumindo seu papel de articuladora e aliada do poder na construção deste imaginário. Assim, no decorrer dos discursos da mídia, encontram-se artigos de exaltação divulgadores da *necessidade* de novos empreendimentos e de aprovação das novas arquiteturas que vão surgindo no perímetro central da cidade. A imprensa, então, *convence* a uberlandenses e uberlandinos⁵ do significante papel da *beleza* nas roupagens edificadas.

Mas, ao mesmo tempo que se deseja bela, moderna e progressista, Uberlândia deixa transparecer no seu caminhar, reflexos de uma política autoritária, unilateral, pois raramente encontram-se na imprensa, matérias sobre a opinião pública em oposição ao poder público. Estas, em sua maioria, compactuam com o pensamento de uma elite política que articula e realiza seus projetos, *convencendo* a população de que suas idealizações são as melhores para a cidade como um todo. Neste sentido, as matérias jornalísticas, em sua maioria, entram em consonância com a aspiração e divulgação de quem governa a cidade.

No mês de agosto de 1981, quando Uberlândia festejou 93 anos de sua emancipação política viveu momentos de magnífica vibração, em que o povo e governo de mãos dadas comemoraram mais uma etapa de uma caminhada vitoriosa, e que sem dúvida traduz de modo eloquente a capacidade realizadora de nossa gente, focalizando no cenário da Pátria, a nossa Uberlândia querida em tempo de progresso.

E não há dúvida alguma, que grande parcela deste progresso é pro-

vocado pelo dinamismo ímpar e contagioso de um homem que sabe liderar os comandados e correligionários; Prefeito Virgílio Galassi, que noite e dia sem cessar, leva o otimismo à frente de todas as suas decisões, bem como o cumprimento de sua palavra realizando as obras prometidas em sua campanha política. (Correio de Uberlândia, 06/01/1982, p. 12 - Col. 1-3. Uberlândia Acelerada em 1982)

Denota-se a utilização da imprensa como estratégia no exercício de convencimento de atos e ideais políticos, resquícios, talvez, de uma política totalitária. Assim, ao longo da história de Uberlândia, políticos vão sendo aclamados através da imprensa, ratificando seus atos e ao mesmo tempo deixando transparecer um movimento de constante manipulação ideológica/política. Neste sentido, “as diferentes formas do modelo progressista apresentam-se como sistemas limitadores e repressivos” [grifo da autora] (CHOAY, 1992, p. 10).

Com relação a estas limitações e repressões, acredita-se que seriam, possivelmente, exercidas através da rigidez estabelecida pelos projetos racionalistas, os quais passam a definir o quadro espacial urbano, predeterminando as funções inerentes às questões que dizem respeito à cidade, sejam elas voltadas para a economia, para o lazer ou moradia, e pelos projetos destinados ao *embelezamento* da cidade. De acordo com esta análise tem-se que a organização espacial passa, então, a ser assegurada por uma limitação, predominantemente, mais política. Portanto, “o autoritarismo político de fato, que dissimula, em todas essas propostas, uma terminologia democrática, está ligado ao objetivo comum, mais ou menos bem assumido, do rendimento máximo” (p. 11).

Tal como ocorre nas cidades *progressistas*, no intuito da efetivação deste rendimento máximo, caracterizado pelo exercício de uma política que prioriza o crescimento econômico e industrial,

⁵ Aquele que é natural de outra cidade ou estado, passa a residir em Uberlândia e considera-a como sua cidade natal.

associado à aparência estética dos elementos que lhe compõem o espaço urbano, os indivíduos passam a ser *convencidos da necessidade* do *progresso*, pois este contribuiria na melhora de seu *viver e con-viver* social e, através da comprovação deste convencimento é que se detectam alguns indícios da alienação do homem *moderno*.

Nas sociedades democráticas contemporâneas, os mecanismos de dominação insidiosa exercem-se através de formas de alienação que se apresentam sob a figura da autonomia: elas respeitam – em aparência, pelo menos – a autonomia do indivíduo; de forma paradoxal, dominam através dos bens culturais e, particularmente, através da psicologia. (HAROCHE, 2003, p. 3)

Neste exercício de poder, de convencimento e *alienação forjada*, é que se reconhece a importância do papel da imprensa através de suas publicações pois, utilizando de seu caráter persuasivo, a política aproxima-se deste canal, efetivando uma dinâmica identitária entre imprensa e partido. Assim, constantemente, os jornais uberlandenses apresentam consonância com a atuação política da elite da cidade e, neste sentido, apesar de não serem *partidos políticos*, os jornais às vezes aparentam sê-lo, pois são grandes influenciadores de opiniões.

Segundo Capelato (1991), os meios publicitários são comparados a partidos políticos e passaram, de certa forma, a ocupar a lacuna influente deixada pela Igreja. E considerando que os partidos políticos, neste país, são possuidores de uma estrutura frágil, a mídia passa a ser elemento influente na formação de opiniões, o que muitas vezes um partido político, por si só, não conseguiria. Assim, em muitos momentos históricos, os meios de comunicação assumem a missão primeira de serem utilizados como instrumentos de convencimento do povo.

Mas, a idéia de que a mídia, constantemente, compactua com as atitudes e pensamentos ditados pelo poder não é hegemôni-

ca, a exemplo disto tem-se a imprensa brasileira dos anos 20, posicionando-se contrária ao poder público, pois esta possuía a intenção da recuperação de uma “República como o espaço da visibilidade, publicidade, transparência [...] os jornalistas acusavam os governantes de que haviam se transformado em tiranos cegos e, portanto, incapazes de ver o que acontecia na sociedade” (p. 131). Posicionando-se a favor da massa e do povo, a imprensa deste período se qualifica como detentora da verdade, qualidade que, de certa forma, usurpa do poder público. Esta imprensa com características liberais colocou-se, segundo Capelato (1991), “aparentemente, fora do poder político, do lado do povo e da verdade” (p. 132). Confirma-se, portanto, a importância da imprensa na emissão de opiniões, pois sendo contrária ou favorável ao poder, seu objetivo teria dois nortes, convencer o povo e contrariar o poder através das palavras, ou vice-versa.

Até os anos 30, a imprensa na história do Brasil teve um papel de grande articuladora política, participou ativamente de grandes movimentos gerando opiniões e divulgando informações, além de ser uma grande conspiradora. “Os donos de jornais sempre tiveram consciência de sua força política” (p. 131). Apresentavam-se como personagens conscientes de sua superioridade perante os partidos políticos, e com este artifício eram respeitados, se diziam imparciais, impessoais, apartidários e apolíticos mas, ao mesmo tempo, utilizavam desta preciosa arma para convencer o leitor de suas posições.

A mídia se caracteriza pelo seu grande poder de persuasão, de sedução. Por esse motivo os regimes autoritários a censuram e a utilizam para se manter. Nesses regimes a concepção de imprensa diverge da perspectiva liberal. O princípio de publicidade que sustenta o direito de crítica e de informação se anula. A imprensa passa a exercer suas funções dentro do Estado. Pressupondo o Estado como *suma ratio* da sociedade civil, retira-se em larga medida liberdade de ação dos jornalistas, que se tornam, do ponto de vista político, instrumentos do poder estatal. (p. 137)

Assim, como em todo o país, a imprensa em Uberlândia raramente expõe opiniões contrárias ao poder público estas aparecem, freqüentemente, de forma mais imperativa nas primeiras décadas deste século, no sentido de pedir melhoramentos para a estrutura física da cidade. “A atividade da imprensa em Uberlândia, na primeira metade do século XX, foi bastante marcante, ainda que pontuada por inúmeras adversidades” (DANTAS, 2001, p. 13). Exemplificando, tem-se um pedido que a imprensa faz em 1911, destinado à construção de um grupo escolar para a cidade, para somente ser atendido em 1914.

Durante este período, nota-se que as críticas contra a atuação pública possuem um caráter mais imperativo no que diz respeito às cobranças das promessas políticas, como se vê a seguir:

Por mais que queiramos calar nossos justos ressentimentos, não nos é possível esquecer o abandono que estamos condenados pelos encarregados da administração do estado e ao passo que vemos a corrocopia das graças derramar benefícios em abundância por diversas localidades. Uberabinha terá de contentar-se com a esperança de um dia ser beneficiada também. Já não nos falta tudo. Estamos no período agudo das promessas e dos orçamentos, dos riscos e das plantas. E nisso ficaremos por muito tempo. (J. Arantes - O Progresso - 1912 - 012 - Ube-rabinha 12/10/1912 - Ano VI - Nº 260 - p. 01, Col. 01)

E nos anos posteriores quando o prédio em questão necessita de reformas, a imprensa cobra, de forma menos efetiva do poder público, sua postura política mas não discorda da idéia de construção de uma outra edificação em substituição à primeira, apoiando, desta forma, questões eleitoreiras partidárias. Assim, tem-se em 1961 uma outra postura jornalística no que se refere ao edifício do Grupo Escolar Bueno Brandão.

Conforme já é do conhecimento público o governador do Estado Sr. Magalhães Pinto, atendendo a apelos do secretário Rondon Pacheco

determinou que se criasse em Uberlândia um modelar Instituto de Educação. O local escolhido foi a Praça Tubal Vilela, onde se encontra atualmente o grupo Bueno Brandão que teve seu prédio interdito e condenado, não comportando por isso mesmo, reforma parcial ou total.

[...]

Rondon Pacheco está neste mister envidando esforços para que dita obra seja ainda iniciada este ano, o que vem atestar o alto apreço que o governo mineiro tem dedicado aos problemas de Uberlândia. (Correio de Uberlândia - 24/10/1961 - Ano XXIV - nº 9259, p. 1, Col 3-7)

Evidencia-se, nos parágrafos acima, a postura da imprensa em momentos diferentes, percebendo-se no primeiro, que a liberdade de expressão e opinião é mais explícita, havendo uma preocupação com o anseio do povo quanto à necessidade de novos investimentos para a cidade de tal forma que “os intérpretes da opinião pública atribuíam-se a missão de exigir do governo a transparência de seus atos” (CAPELATO, 1991, p. 133), ou seja, o momento em que a imprensa denuncia a omissão do poder apresenta-se na primeira citação, enquanto na segunda, pode-se notar o enaltecimento direcionado ao poder público a aprovação de sua postura e decisão e, ainda, a tentativa de mascaramento de uma realidade que, provavelmente, não satisfazia os anseios da população, independentemente desta construção se realizar ou não.

Neste sentido, na segunda matéria, tem-se uma mídia voltada para os instrumentos do poder estatal, num discurso persuasivo, que utiliza a eloquência, a exaltação para o convencimento das *necessidades* do povo. “Nos discursos manipuladores das massas (próprios dos regimes populistas de inspiração totalitária), pouco importa o significado das palavras. [...] A persuasão trabalha com slogans. As palavras grandiloquentes” [grifo nosso] (p. 137). Portanto, através destas duas matérias, nota-se a sutileza das posturas políticas no interior da imprensa uberlandense, as quais deixam



Imagem 12⁶



Imagem 13⁷



Imagem 14⁸

transparecer a alternância de posturas de características liberais e algumas atitudes pontuadas de características totalitárias.

Recorrendo a Benévolo (1993) tem-se que, para a compreensão da passagem das políticas liberais para as pós-liberais, necessário se faz um retorno ao século XIX, quando uma burguesia vitoriosa

estabelece, assim, um novo modelo de cidade, no qual os interesses dos vários grupos dominantes – empresários e proprietários – estão parcialmente coordenados entre si, e as contradições produzidas pela presença das classes subalternas são parcialmente corretas. A liberdade completa, concedida às iniciativas privadas, é limitada pela intervenção da administração – que estabelece os regulamentos e executa as obras públicas. (p. 573)

A coordenação entre os grupos dominantes uberlandenses e o poder público desvela, em sua trajetória, características e conseqüências de posturas políticas pós-liberais pois, mesmo **compactuando** com a presença de documentos utópicos, a sociedade se **rende** às decisões desta elite cidadina. Assim, percebe-se de

um lado o ideário burguês ditando regras, estabelecendo leis, as quais deixam transparecer um imaginário elitista construído nos discursos de uma cidade baseados na ordem, no labor e na **passividade**, expressões estas entendidas como sinônimo de **progresso e modernidade**. De outro,

as recusas, os movimentos sociais organizados, as manifestações “espontâneas” da população demonstram que essa sociedade não é tão harmoniosa e pacífica quanto quer a memória oficial. A alteração do traçado urbano, a estrutura moderna e avançada da arquitetura, e a especulação imobiliária, a situação de pólo comercial e industrial da região, fatos que atestam o seu progresso econômico, contrastam com a violência, o crime, o roubo, a mendicância, a prostituição, os jogos de azar, o favelamento, deixando entrever, nos conflitos sociais, a recusa à ordem burguesa estabelecida. (MACHADO, 1991, p. 38)

Não se pode afirmar que Uberlândia herdou o terror expresso pelos regimes totalitários tais como o nazismo de Hitler e o comunismo de Stalin mas, de certa forma, a maneira de persuadir e

⁶ Bueno Brandão – início do século XX – Acervo Jerônimo Arantes – APU.

⁷ Bueno Brandão – prédio interdito – meados do século XX – Acervo fotos doadas – APU.

⁸ Bueno Brandão – 2000 – Acervo particular.

convencer, pela qual a cidade construiu a sua ideologia grandiloqüente expressa uma prática de poder totalitário.

No caso específico de Uberlândia percebe-se que, assim como no regime totalitário, há uma tentativa de manipulação de idéias no que se pretende para a cidade a partir do imaginário de uma elite dominante, de que as ações idealizadas seriam as mais corretas. Ao mesmo tempo, percebe-se uma *certa conformação* da população em favor destas decisões, pois o povo raramente se expressa através da mídia, no sentido de questionar as propostas e assim, neste silêncio *forjado* aparenta-se uma aceitação sem questionamentos para as propostas formuladas. E, exemplificando tem-se:

Realmente são justificáveis os elogios à resolução do governo municipal favorecendo construções com isenção de impostos e coagindo os proprietários de terrenos vagos e baldios, na zona urbana, a torna-los úteis ou pelo menos com aparência mais decente.

São na verdade, medidas que se completam e delas devem aproveitar-se com boa vontade e bom senso quantos estão nas condições de fazê-lo. Isso consiste na correção de defeitos graves, no aumento da cidade, no incremento às indústrias e na defesa do urbanismo. Nem é outra coisa o que a clarividência, o espírito de interesse coletivo e o entusiasmo ditam aos homens laboriosos e bem intencionados que vivem nesta boa terra cuja seiva fecundamente é a crença no futuro. (O Repórter - Ano 18 - 14/03/1951 - nº1246 - p. 01 - Col 01)

Ao longo do século, percebe-se um exercício divulgador, manipulador e dinâmico entre a idéia que o órgão público *estabelece* e a que o povo *acata*, na tentativa do convencimento de que uma nova imagem e aparência são elementos naturais nas vestimentas do contexto citadino. Assim, tem-se em uma crônica publicada em 62, que apesar da expressão de sua dor, *escutam-se as vozes do progresso*.

Eu destaque você, Velha Casa, que na manhã de hoje eu assisti ser

destruída pelas picaretas do progresso, para ceder lugar a um moderno arranha-céu, num cumprimento aos desejos de facúrcia da cidade-mulher e que dia a dia mais se enfeita, para as núpcias com a cultura e a civilização. Por muito tempo fiquei olhando, suas paredes carcomidas pelo tempo, sendo atiradas para baixo, enquanto nuvens de poeira se elevavam para o alto, como um lenço pardacento a acenar saudade. Você, velha casa, devia ter sua história... Quantos dramas, não se desenvolveram entre as suas paredes gastas e descoloridas...

[...]

Há! Se pudessemos ouvir os segredos que guardavam aqueles tijolos e aquelas pedras... Na mudez dos inanimados eles sabem de toda a história da terra, tendo acompanhado os anseios dos primeiros habitantes que aqui chegaram elevados de sentimentos pioneiristas.

Agora ali está você Velha Casa, cumprindo o seu triste destino de imprestável, quando outrora foi moça e bonita. Apenas o local onde estiveram plantadas as suas raízes; continua o mesmo. Servirá de base para o jovem que irá chegar, fortalecido por todas as vitaminas preparadas nos laboratórios da arquitetura moderna. (O Repórter - Eu Destaco Você - Dantas Ruas - Ano XXIX - Quarta-feira - 28/02/1962 - Nº 3900, p. 03, Col. 1-4)

No decorrer do *lamento* desta crônica percebe-se que a despedida é sua condição na consolidação do ato, não há oposição, não há questionamento. A dor causada pela demolição é respaldada pelo exercício do *progresso* que *exige* sua ausência. Neste sentido, pode-se dizer que as substituições arquitetônicas impediram uma velha *roupagem* de permanecer em consonância com o *progresso* e a *modernidade* e a atuação pública dos governantes da Uberlândia do século XX, reflete a ânsia de ser *moderna* e *progressista* antes que suas vizinhas. Este exercício de descarte e poder de transformação contribuiu para que Uberlândia, muitas vezes, se *despisse* do que poderia ter sido registro físico de sua história, e neste ufanismo vê-se que:

Uberlândia realmente conquistou o lugar de cidade “leader” do triângulo Mineiro. E isto se deve à sua administração, o que para ela tem feito os nossos dirigentes.

Embora esta cidade tenha sido bem cuidada por alguns de seus governos antigos, como se verifica nos annaes da nossa história, nunca poderia passar despercebido o que tem feito o Dr. Vasco Giffoni, personalidade inconfundível de administrador, que vem imprimindo a este município uma orientação precisa e criteriosa, destacando-se por isto mesmo, dentre os seus antecessores no governo desta rica parte de Minas.

Assumindo a chefia do governo municipal de Uberlândia, o Dr. Vasco Giffoni implantou o regime de ordem e de trabalho; procurou beneficiar os seus conterrâneos, embelezando as nossas avenidas; intensificou o ensino rural e retalhou esta faixa de terreno com estradas, offerecendo assim, possibilidades e fazel-a o celeiro do nosso Estado. (O Repórter - Anno II - 25/11/1934 - N° 41, p. 1 Col. 1-2)

Portanto, nesta dinâmica de poder e tomadas de decisões em prol de uma sociedade elitista o cidadão comum, muitas vezes, não percebe o quanto sua liberdade torna-se limitada pelo gigantesco domínio econômico e a intrusão formal exercidos pelo Estado. Neste sentido, os discursos que aparecem contrários a esta dinâmica, são vistos por Machado (1991) como discursos de corte pois “assumem um caráter de crítica em relação à sociedade burguesa, em raros momentos afloraram e chegaram a ser públicos” (p. 44). Portanto, independentemente da existência ou não destes raros discursos de corte, o poder econômico consegue vender a imagem da cidade de Uberlândia, como um pólo empreendedor, e, na manutenção deste imaginário e concretização do mesmo, como artifício e estratégia, necessário se faz a venda de imagens que convençam através da mídia, o investimento pretendido.

Para uma melhor compreensão sobre o poder de convencimento da mídia na modernidade, pode-se recorrer a algumas reflexões de Chesneaux (1995) sobre o poder dos artifícios da mídia

quando estes passam a ser utilizados como recurso político na modernidade-mundo os quais, segundo o autor, conseguem grande poder de manipulação e convencimento das massas através do fortalecimento de:

seu poder de fascinação, [...] Não se busca mais tornar politicamente inteligíveis uma situação ou um acontecimento, mas mostrar a sua imagem. Conhecer se reduziu a ver, ou mais ainda, a pegar no ar, já que a mensagem da mídia é efêmera. [...] O “fazer crer” toma lugar do “fazer”, a vontade de impacto da mídia conta mais que a força das convicções. (CHESNEAU, 1995, p. 139)

E é buscando este *impacto* que a elite política uberlandense procura, através da imprensa, as influências modernistas herdadas da evolução da mídia neste século pois, intitulado-se moderna no transcorrer dos anos incorpora, também, as influências capitalistas e suas conseqüências.

Os grupos da imprensa, as redes de satélites, as cadeias de TV, os programas de edição, os bancos de dados, os programas da informática são controlados por um capitalismo multinacional, dito “multimídia”, cujas motivações prioritárias não são, sem dúvida, o ressurgir das consciências políticas e nem a mobilização das vontades políticas. (p. 140)

Esta elite política procura através da modernização da mídia vender tal como *mercadorias* uma ideologia e este convencimento se faz através da rapidez temporal dos recursos tecnológicos desta mesma mídia. A imprensa acompanha esta dinamicidade incorporando elementos inerentes ao seu contexto e conseqüentemente, caracterizando cada vez mais seu estigma de instabilidade. Explicitando, tem-se os jornais que no início do século circulavam mensalmente, quinzenalmente, semanalmente e que, posteriormente, passaram a ser diários, contribuindo com sua temporalidade

efêmera no descarte rápido de suas matérias, sobrepondo idéias e convencimentos numa velocidade tal que, conseqüentemente, em sua grande maioria, os leitores não se deixem preocupar em serem formadores de opiniões, nem em analisarem o conteúdo das matérias impressas. Desta forma, assim como a notícia é descartada, descarta-se também a possibilidade da maioria dos leitores passarem a ser articuladores de opiniões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as análises anteriores sobre a mídia uberlandense e sua participação como coadjuvante do processo de modernidade e alterações do aspecto urbano citadino, pode-se dizer que, na facilidade de *omissões* por parte do leitor e do *domínio* articulador da mídia, têm-se a cidade de Uberlândia voltada para a expansão de sua economia comercial e industrial ao longo do século maquiando-se, arquitetonicamente, num exercício chamativo para possíveis investidores. Conseqüentemente, pode-se concluir que a imagem de uma cidade moderna funciona como slides na mídia, em cada época uma fotografia, em cada imagem um público alvo pretendido. E a elite uberlandense, *intencionalmente*, promove a venda de suas imagens, convence e atrai investidores, torna-se *moderna* e se *transfigura* quantas vezes forem necessárias, para atingir seu objetivo.

REFERÊNCIAS

BENEVOLO, L. *História da cidade*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1993.
CAPELATO, M. H. Imprensa, Uma mercadoria política. In: *História e Perspectiva*. Uberlândia: UFU, 1991.
CARRIJO, G. G. *Fotografia e a invenção do espaço urbano: considerações sobre a relação entre estética política*. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: UFU, 2002.
CHESNEAUX, J. *Modernidade – mundo – Brave Moeern World*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1995.
CHOAY, F. *O urbanismo – utopias e realidades uma antologia*.

São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.
DANTAS, S. M. *Veredas do progresso em tons altissonantes - Uberlândia 1900-1950*. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: UFU, 2001.
HAROHCE, C. *Elementos de reflexão sobre a personalidade não totalitária* – Trad. Jacy Alves de Seixas. (Texto ainda não publicado)
MACHADO, M. C. T. Muito aquém do paraíso: ordem, progresso e disciplina em Uberlândia. In: *História e Perspectiva*. n. 4, Jan./Jun. 1991. Uberlândia: UFU, 1991, p. 38.

